



## 'Limpeza' nos centros de saúde inquieta clínicos e utentes

**LISTAS** Uteses que não vão ao centro de saúde há mais de três anos ficam em lista à parte para dar lugar aos que não têm médico de família

No Agrupamento dos Centros de Saúde Grande Lisboa II – Lisboa Oriental os utentes que já não vão lá há mais de três anos estão a ser retirados de utentes, para dar lugar aos que vão lá mais vezes e não têm médico de família. A experiência-piloto pretende retirar do sistema doentes que já morreram ou que estão inscritos em mais do que um centro de saúde e se resul-

tar pode ser alargada a todo o País. Médicos de família e utentes alertam para necessidade de assegurar o direito dos utentes afastados a manterem o médico de família.

“Um casal com 40 anos que tenha um filho de 14 e em que todos sejam saudáveis são o exemplo de uma família que não precisa de ir ao centro de saúde. É preciso garantir que quando precisarem não perderam o médico de família”, sublinha Rui Nogueira, vice-presidente da Associação Portuguesa de Medicina Geral e Familiar (APMGF). Também o porta voz do Movimento dos Uteses dos Serviços de Saúde receia que se es-

teja a seguir por um caminho que “pode redundar em prejuízo para os utentes”. “Esta solução tem de ser acompanhada para garantir que as pessoas não perdem direito ao médico de família”, exige Manuel Villas Boas.

O Ministério da Saúde explicou, no entanto, ao *Público*, que aos utentes não frequentadores “não lhes é retirado qualquer direito”. Ou seja, no momento em que voltam ao centro de saúde passam a constar da lista de frequentadores ativos e recuperam o médico.

Para os profissionais de saúde esta medida pode significar um aumento de utentes, já que os cli-

nicos ficam com os novos utentes que antes não tinham médico de família e mantêm em espera os que foram expurgados da lista. Assim quando regressarem aos centros de saúde aumentam o número de utentes daquele médico. Mas Rui Nogueira não está preocupado, já que acredita que “um médico pode ter mais de dois mil utentes se a organização funcionar bem”. Legalmente não existe nenhum limite de utentes por médico de família.

Não se sabe quantos utentes estão em risco de serem colocados numa lista à parte, mas os números da APMGF dizem que por ano

30 a 35% dos utentes não vão a consultas. Por outro lado, há quase dois milhões de utentes sem médico de família que vão aos centros de saúde. No total, estão inscritos 11 277 023 utentes e Portugal tem 10 574 519 habitantes.

A necessidade de limpar as listas é reconhecida por todos, mas há várias sugestões para a sua realização. Rui Nogueira alerta para os casos em que a duplicação de registos faz sentido e lembra que os utentes mais velhos e as crianças dão mais trabalho que os adultos saudáveis, pelo que é preciso atenção na distribuição de utentes por médico. A.B.F.